

A CONTRIBUIÇÃO DE OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS PARA A LEITURA DA LITERATURA

Micheline Lage

A nossa volta, tudo escreve, é isso que se deve perceber,
tudo escreve.

(Marguerite Duras)

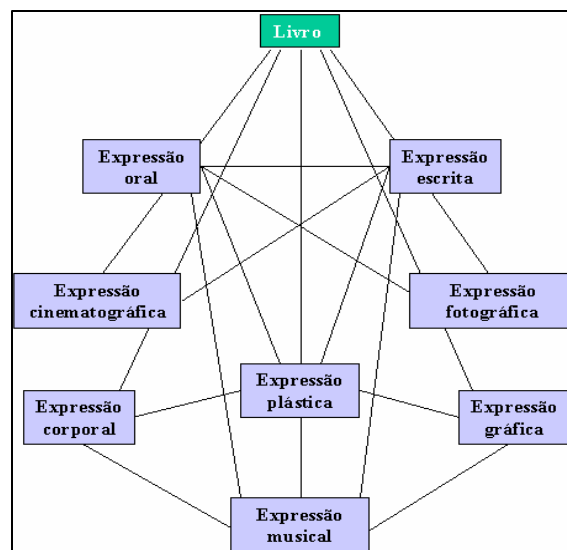
Vivemos um período em que a linguagem, no seu uso social, abarca múltiplas realizações, com um intenso intercâmbio entre as diversas modalidades artísticas. Nosso tempo impregnou-se da imagem visual. A todo instante nos deparamos com *outdoors*, panfletos, letreiros, placas, faixas e outros meios de propaganda que fazem uso da imagem. Além disso, com o desenvolvimento tecnológico, recebemos hoje uma gama de informações através do rádio, da televisão, do computador. Sem contar com o acesso à imprensa que nos fornece um grande número de jornais e revistas. É a coexistência e o intercâmbio dessa variedade de linguagens, é esse conjunto de vozes, que forma a sociedade contemporânea.

Acreditamos que o professor de literatura não pode estar alheio a tantas modificações no âmbito da comunicação artística e social. É necessário repensar a leitura e ampliar o conceito que a entende apenas como decodificação de sinais gráficos. Em vez de temer a concorrência entre a linguagem literária e os outros meios de comunicação como o jornal, a televisão e o cinema, o professor de literatura pode enriquecer suas aulas fazendo uso de todas essas manifestações culturais. Não existe entre elas linguagem melhor ou pior; o que existe são linguagens diferentes. Conscientizar o aluno disso é dar os primeiros passos para a formação de um bom leitor – não só de literatura, mas de jornal, TV, quadrinhos, pintura, propagandas, enfim um leitor preparado para a vida. Sabemos, no entanto, que o ensino de literatura, infelizmente, não vem contribuindo para a formação de leitores capazes de dar conta da infinidade de textos que os rodeiam. Pelo contrário, antigas fórmulas, incapazes de responder aos avanços do mundo contemporâneo e aos problemas humanos, continuam sendo aplicadas.

O professor de literatura, antes de mais nada, deveria ser um professor de leituras habilitado a mostrar ao aluno que essa tarefa não se limita à decodificação de sinais gráficos, mas implica uma visão mais ampla do mundo e da realidade que o cerca como leitor. O tempo presente exige uma nova postura da escola com relação ao ensino de literatura. Não podemos mais nos concentrar apenas nas obras consagradas e nos textos literários presentes no livro didático. Por tais motivos, acreditamos que o ensino de literatura deve transformar a aprendizagem numa prática cotidiana de intercâmbio entre a linguagem literária e outras linguagens, insistindo na percepção da dialética das relações entre as várias manifestações artísticas, porque a sociedade exige um leitor capaz de dar conta dos mais diferentes textos.

É importante ressaltar que o professor de literatura não pode esquecer o seu compromisso maior: encaminhar o aluno para o encontro com a literatura, por isso, o livro deve ser sempre o eixo principal, para o qual converge a exploração dos mais diferentes recursos. Isso é o que revela a figura a seguir.

(Fig.1).



A confrontação livro/manifestações artísticas

Para nós, todo e qualquer recurso usado (a canção, o cinema, o teatro, a fotografia, a pintura ou outros) é apenas uma ponte para chegarmos ao verdadeiro objetivo, que é o de formar o leitor crítico, consciente e independente.

Um caminho interessante para essas leituras seria a metodologia utilizada na análise confrontativa dos textos, chamada *os três olhares*, à luz da teoria da Estética da Recepção. Para uma melhor compreensão desse método, daremos uma “pincelada” na história do percurso da Estética da Recepção no âmbito escolar.

Segundo Aguiar e Bordini¹, até os meados da década de 80 o método recepcional era pouco conhecido e utilizado nas escolas brasileiras, em cuja tradição não cabia o ponto de vista do leitor. Nos últimos anos, porém, com o crescimento do interesse das universidades pela questão da leitura o método recepcional tem sido muito difundido no meio acadêmico. No entanto, no ensino médio poucos professores conhecem tal método. Em geral, os estudos literários nesse grau têm se dedicado à exploração de textos e sua contextualização num espaço-temporal, sob um eixo positivista. O relativismo de interpretação e, portanto, de leitura não é tópico relevante no sistema educacional.

Hans-Robert Jauss, um dos nomes-chave da Estética da Recepção, após estudar e buscar definir o caráter estético da obra literária, preocupou-se em descrever o processo de recepção. Sua proposta hermenêutica comporta três horizontes de leitura², ou horizontes de relevância temática, pelos quais deve passar o leitor, de maneira gradativa, em seu trabalho interpretativo: a compreensão, a interpretação e a aplicação.

O primeiro horizonte de relevância temática, a *compreensão*, corresponde a um primeiro nível de leitura, que se inicia pela percepção estética. É uma fase de descobertas em que o leitor se detém nos aspectos mais superficiais da obra, ou seja, na disposição das formas, no ritmo, na sucessão dos versos, no desdobramento dramático etc. É nesse instante que, gradativamente, o leitor começa a dar sentido ao texto. Como salienta Lontra:

ao leitor, no estágio da leitura compreensiva, compete descrever a linearidade do texto, que se apresenta como uma atividade de evidência

¹ AGUIAR, Vera Teixeira de & BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988, p. 81.

² SEGERS, R. T. “An interview with Hans Robert Jauss”. In: *New literary history*. The University of Virgínia, 1979, p. 1-12. Texto conseguido durante o XIII da ANPOLL, tradução de Besma Massad, Bauru, 14/04/91.

crescente, progressiva e gradual, e registrar as perspectivas hermenêuticas, uma vez que a leitura compreensiva é o horizonte prévio de leituras posteriores, abrindo e limitando o espaço para futuras concretizações.³

A fase seguinte, posterior à da leitura compreensiva, é a da *interpretação*. Esta é definida “como a concretização de uma significância específica (entre outras possíveis significâncias que os primeiros intérpretes concretizaram e que os intérpretes mais recentes possam ainda concretizar)”⁴. Permanece sempre ligada ao horizonte da primeira leitura, pois apenas podem ser concretizadas significações que “apareceram ou poderiam ter aparecido ao intérprete como possíveis no horizonte de sua leitura anterior.”⁵ No primeiro momento, o da *compreensão*, quando ocorre a percepção estética, temos uma leitura progressiva que acompanha a linearidade do texto; já na fase de *interpretação*, é lícito voltar do fim para o começo do texto, ou do todo ao particular; a leitura é, nesse caso, retrospectiva.

O terceiro momento é o da leitura histórica, que recupera a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo. Hermeneuticamente, corresponde à etapa da *aplicação*, que inclui os atos de compreensão e interpretação, na medida em que ela representa o interesse de transportar o texto para fora de seu passado ou estranheza e dentro do presente, encontrando as perguntas – na maioria das vezes não expressamente articuladas – para as quais o texto foi uma resposta na época.

Isso significa interpretar o texto literário enquanto resposta tanto para expectativas do tipo formal, quanto para as questões de sentido, decorrentes de seu posicionamento diante do mundo e das vivências históricas de seus primeiros leitores. A experiência de leitura do leitor do passado deve ser superposta à leitura atual do leitor de uma época posterior, para que se

³ LONTRA, Hilda Orquídea H. *Com ciência e arte: o ensino de literatura em 2º grau*. Porto Alegre : PUC/RS (Tese de Doutorado em Teoria Literária), 1992.

⁴ SEGERS, op. cit, p. 3.

⁵ JAUSS, citado por ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989, p. 68.

possa esgotar, durante a interpretação, a diferença entre o horizonte passado e presente da leitura.

Nessa fase o leitor deve buscar sempre aquilo que o texto diz, e não o que ele (leitor) pode dizer sobre o texto. Esse momento possibilita a compreensão do texto na sua alteridade. Sintetizando, poderíamos dizer que na fase da *compreensão* ocorre uma leitura que se caracteriza como progressiva, na *interpretação* a leitura é retrospectiva e no terceiro momento, o da *aplicação*, a leitura recupera o histórico é, portanto, reconstrutiva.

A aplicação da estética recepcional à pedagogia da literatura prevê a transferência dos pressupostos teóricos já citados à prática escolar da leitura. Por refletir a respeito do fenômeno literário sob a ótica do leitor como elemento atuante do processo, o método recepcional de ensino vai se fundar na atividade participativa do aluno em contato com diferentes textos.

De uma forma bastante resumida, poderíamos sintetizar as etapas do método recepcional da seguinte forma: **(Fig.2)**.

1ª fase <i>Sondagem do horizonte de expectativas</i>	2ª fase <i>Atendimento do horizonte de expectativas</i>	3ª fase <i>Ruptura do horizonte de expectativas</i>	4ª fase <i>Questionamento do horizonte de expectativas</i>	5ª fase <i>Ampliação do horizonte de expectativas</i>
Descoberta da preferência dos leitores.	Desenvolvimento de atividades de leitura de textos que envolvam a realidade próxima dos alunos visando atender às suas expectativas.	Introdução de textos e atividades de leitura que abalem as certezas e os costumes dos alunos.	Cotejo entre as características do nível cultural do aluno e as novas proposições, sua eficácia estética e comunicativa.	Ampliação das possibilidades culturais a partir de experiências socializantes nas quais o saber é construído com a contribuição do grupo.

(Etapas do método recepcional)

Também preocupada com a questão da leitura e, sobretudo, com a questão da leitura na escola, temos a professora e estudiosa do assunto, Francisca Nóbrega. Segundo ela, a

escola contribuiu para o esvaziamento do signo LER. Sendo a instituição escolar responsável pela alfabetização, acabou fazendo da leitura um mero ato de decifrar de sinais. Mas ler não é só isso. Ler (*legere*) é colher, apanhar e recolher. É encontrar, tomar para si e guardar em si. Como diz Nóbrega “ler é colher o mundo e recolhê-lo no íntimo de nós.”⁶ Foi exatamente tentando resgatar o conceito original de leitura, que essa professora desenvolveu um método, intitulado Três Olhares, que auxilia o leitor em sua caminhada e pode ser aplicado à leitura dos mais diversos tipos de textos.

Como na hermenêutica de Jauss, há três momentos de leitura a serem cumpridos. O *primeiro momento* é o da coleta de sinais ou dados. O objetivo dessa fase é dividir o texto em seqüências para ver os seus elementos significativos (corresponderia ao momento da *compreensão* em Jauss), e resulta numa leitura que é sinônimo de COLHEITA. No *segundo momento*, a metodologia prossegue dando sentido aos elementos levantados e associando-os à realidade (para Jauss seria o momento da *interpretação*). Ocorre nessa fase uma leitura que é sinônimo de ACOLHIMENTO. O leitor aceita e reconhece nexos entre a vida real e a vida narrada. No *terceiro momento*, em que pouco podemos ou devemos interferir, é a hora de emergência do sujeito; a hora de recolhimento. O texto deve apresentar-se, nessa fase, como alteridade. Francisca Nóbrega diz que nesse instante o olhar do receptor é o do “mergulho”, onde leitor e texto tornam-se cúmplices. É o momento do prazer, do desejo, da intimidade com o texto. A leitura é sinônimo de RECOLHIMENTO, o leitor abriga o texto no seu acervo de valores (esse momento aproxima-se à fase da *aplicação* proposta por Jauss). Usamos o termo “aproxima-se”, porque na hermenêutica de Jauss o momento de aplicação exige uma leitura reconstrutiva, que inicie pela busca às perguntas às quais o texto surgiu como resposta na época de seu aparecimento.

⁶ Metodologia apresentada em seminário de leitura, em 1993, pela professora Francisca Nóbrega. Encontra-se no *Caderno de leitura*, PROLER. Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

Há nessa fase um movimento dialético entre passado/presente, e o leitor busca elucidar o possível significado da obra para a atualidade. A hermenêutica de Jauss é literária, ou seja, a ela compete refletir sobre as propriedades estéticas da literatura, aspecto que não pertence à ordem de preocupações das demais hermenêuticas. O método da professora Francisca Nóbrega é aplicável tanto a textos verbais, literários ou não, quanto a textos extraverbais, como a pintura, a fotografia, a escultura, a canção etc. Na verdade é uma metodologia de análise que se propõe a “desautomatizar” o nosso olhar, insistindo portanto, no exercício dos três momentos do *pensar*:

- a) a apreensão – que seria ver os elementos significativos de um texto;
- b) a compreensão – que seria dar sentido aos elementos levantados;
- c) a conceituação, a síntese – que seria a incorporação desses elementos à nossa realidade.

Como vimos, é um método que enfatiza a leitura, não havendo como em Jauss, uma preocupação com o resgate histórico. Acreditamos que seria difícil a reconstrução histórica da recepção de textos tão diversos como a pintura, a fotografia, a propaganda etc. Como essa metodologia propõe-se a abordar uma multiplicidade de textos, acaba não enfocando o aspecto histórico, tão salientado na hermenêutica de Jauss. O nosso trabalho visa à leitura da literatura cotejada a diferentes manifestações artísticas. Por isso, propomos a fusão das duas metodologias: a de Jauss e a de Nóbrega. Para tanto, adaptamos Os Três Olhares à luz da Estética da Recepção.

Vejamos, em seguida, o quadro proposto por Nóbrega⁷:

(Fig. 3).

Os três olhares	1º olhar - interessado*	2º olhar - cuidadoso*	3º olhar - admirado
O que acontece	O ENCONTRO com o material a ser lido.	Uma DEVASSA na obra, material sendo lido.	Um MERGULHO no texto. Agora a obra se tece com o leitor. Ganha a dimensão de texto.

⁷ A reprodução segue, fielmente, o exposto na obra citada anteriormente, p.52.

Os três olhares	1º olhar - interessado*	2º olhar - cuidadoso*	3º olhar - admirado
O que faz	Uma LEITURA sinônimo de colheita (colher é pegar, Segurar, tomar para usar com proveito)	Uma LEITURA que é sinônimo de ACOLHIMENTO (acolher é aceitar, acatar, reconhecer nexos entre a vida e a vida narrada)	Uma LEITURA sinônimo de RECOLHIMENTO (recolher é abrigar, inscrever no quadro interno como parte de um acervo de valores vivenciáveis)
Como se faz	Através da COLETA DE DADOS, isto é, de sinais significativos no objeto em leitura.	Através da ANÁLISE DE DADOS, por confronto, comparação e associação.	Pela INTERPRETAÇÃO tensa de realidade; a conhecida e a que se dá a conhecer. Aqui se lava a escritura de um saber importante para o sujeito leitor.
O que importa	Pouco importa o vocabulário como sinonímia. Muito importante os termos como idéia, índice e suspeitas.	Importa o exame da realidade representada.	Importa a realidade nova que possa provir do texto.

(Fig. 3 - continuação).

Os três olhares	1º olhar - interessado*	2º olhar - cuidadoso*	3º olhar - admirado
O que resulta	SIGNOS no nível do uso, idéias capturadas. *momentos de leitura que admitem direção, encaminhamentos, orientação.	SIGNIFICADOS, uma semântica de idéias gerais, comuns ao reconhecimento de vários leitores. *momentos de leitura que admitem direção, encaminhamentos, orientação.	SENTIDO, uma construção do ser, encaminhadas a partir do convívio com o texto. É a descoberta, a “coisa nova” que pode emergir do texto. Não admite direção.

Agora, apresentaremos a adaptação que fizemos do método proposto por Nóbrega à luz da Estética da Recepção⁸.

(Fig. 4).

Momentos do olhar	1º Momento olhar receptivo	2º Momento olhar mediador	3º Momento olhar ativo
O que acontece	Encontro do leitor com um mundo desconhecido.	Encontro do leitor com um mundo significativo.	Encontro do leitor com um mundo que agora torna-se conhecido.
O que faz	Uma leitura que detecta os elementos significativos, sinais, referentes.	Uma leitura de diálogo com o texto, através da pergunta e resposta.	Uma leitura de cruzamento do ver e do sentir, do exterior e interior, ou seja, um entrelaçar de experiências.

⁸ Nossa leitura baseou-se também na apresentação de Maria Regina de Oliveira – UNESP/BAURU, no XIII Encontro da ANPOLL com o trabalho “A leitura da linguagem visual”, junho de 1998.

Como faz	Olha e vê.	Olha, vê, interroga e busca.	Olha, encontra, associa, reúne, interioriza, vê e lê.
O que importa	Reconhecer os elementos significativos, sinais, referentes.	O exame da realidade representada, através do questionamento, da busca dos porquês.	A integração do novo que se vê e do antigo que é a experiência do já visto, fusão de horizontes, ampliação do conhecimento.
O que resulta	COMPREENSÃO Ver-por-conhecer	INTERPRETAÇÃO Ver-e-pensar	APLICAÇÃO Ver-pensar-ler

A metodologia dos três olhares à luz da Estética da Recepção

As etapas que propomos para tal metodologia são as seguintes: no 1º momento o professor deve buscar fazer uma apreensão dos interesses dos alunos frente à leitura, a fim de compor o horizonte de experiências da classe. Isso pode ser feito com o auxílio de um questionário, por meio de um bate papo informal, uma dramatização, uma entrevista e outros.

Enfim, o professor é livre para criar as alternativas mais adequadas para esse momento. A partir da composição do perfil da turma, o professor estará apto a selecionar textos de interesse dos alunos.

No segundo momento, antes da leitura do texto, é realizada uma atividade de estimulação. Nesse instante, o professor vale-se de técnicas de sensibilização para suscitar na turma o interesse pela leitura. Essas técnicas podem ser criadas pelo próprio professor ou adaptadas de livros que abordem dinâmicas voltadas para trabalhos em grupos.

Em seguida, os alunos são convidados a realizarem uma leitura compreensiva, de contato e descoberta dos elementos significativos do texto, correspondendo ao 1º olhar.

Após essa primeira leitura, ocorre o momento de teorização, em que o professor contextualiza o texto lido. É comunicado para a turma a data em que o texto foi escrito, os principais acontecimentos históricos ocorridos nessa época, alguns dados interessantes da vida do autor que podem contribuir para uma maior compreensão do texto, as apreensões que os

leitores e a crítica fizeram da obra ao longo da história. Essa pesquisa deve ser feita com antecedência por parte do professor, que pode solicitar também a participação dos alunos.

Somente após esse percurso, realiza-se a leitura interpretativa, em que o texto será analisado em seus pormenores. Esse momento corresponde ao 2º olhar.

Os alunos são convidados a compartilharem suas experiências de leitura com a formação de um grupo maior. Esse é o instante de expressão do “ser leitor”. Um grande texto oral é construído coletivamente, constituindo a leitura de concretização (sintética/dialética), correspondendo ao 3º olhar. O método evolui com a aplicação de textos que exigem cada vez mais a capacidade de análise e crítica por parte dos estudantes.

Como bem observa Gil Carlos Pereira⁹, na verdade a metodologia dos Três Olhares é usada no nosso dia-a-dia, quase intuitivamente, sem que percebamos. Exemplificando, podemos compará-la às etapas que percorremos quando conhecemos alguém.

- a) Num primeiro encontro, observamos a pessoa em suas características pessoais externas: altura, cor dos olhos, dos cabelos, da pele etc.
- b) No segundo encontro, já possuímos elementos que nos permitem tecer alguns comentários sobre a personalidade daquela pessoa. Passamos a conhecê-la melhor e ela já faz sentido para nós.
- c) No terceiro encontro, se nos identificarmos com ela, tem início um processo de conhecimento mais profundo. Surgem a intimidade e o prazer de estar com essa pessoa. Há um cruzar de sentidos.

Acontece algo semelhante com relação ao nosso encontro com o texto. Para entendê-lo é preciso que se criem laços com ele. Essa intimidade acontece por etapas. É aos poucos que vamos desvelando, desvendando os mistérios da escritura.

Em primeiro lugar é preciso ver as nossas hipóteses e suspeitas confirmadas ou não. Depois, dar significado ao que foi visto e, finalmente, dependendo da importância que o texto

⁹ PEREIRA, Gil Carlos. *A palavra: expressão e criatividade*. São Paulo : Moderna, 1997, p. 25-32.

tem para nós, trazê-lo para nossa bagagem de leitor. E assim ele será mais um elemento rico a constituir nossa história de vida.